

# FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL — GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS — Anno 1.250 réis. — Semestre 800 réis. — Anuncios cada linha 40 réis, pagos antes da publicação do primeiro anuncio, communicados 50 réis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, Campo de Sant'Anna.

Villa Verde—1887

## AO PUBLICO

Declara o redactor d'este jornal, que não mais responderá ao *Regenerador*, isto é, ao snr. Carlos da Cunha Pimentel, em quanto a sua pessoa não provar categoricamente o seguinte:

1.º — Que é homem, sabendo por isso mesmo não só insultar e ameaçar, como o tem feito no *Regenerador*, mas tambem que outro tanto é capaz de fazer, face a face do individuo a quem insultou e ameaçou.

2.º — Que em suas veias gira sangue d'um verdadeiro cavalheiro, de sentimentos nobres

e inconcussos, sabendo por isso mesmo desafrontar com a maxima dignidade qualquer insulto que por acaso seja arremessado a sua familia, familia para nós digna de todos os respeitos e considerações, pela sua exemplarissima honestidade e virtudes.

Onde está o chefe? Ainda não tarda. A actividade regeneradora não pôde abitolarse por outra qualquer actividade, e por isso o chefe que se procura ha tempos activamente, para ficar em serviço activo, não conseguiu ainda apparecer a lume sahido do seio do partido regenerador, armado até aos dentes para a guerra, como Pallas sahira da cabeça de Jupiter.

Eleger um chefe é coisa muito facil, quando tem que ir buscar-se ao meio de muitos homens eminentes todos mas despidos d'ambição e de vaidades, que não procuram ou-

tro bem que não seja o bem do paiz, divergiendo dos partidos adversos apenas no methodo e nos meios.

Eleger um chefe é coisa facilissima quando no meio de muitas vulgaridades apparece um vulto, cuja cabeça se nos mostra acima do nivel de todas as outras, e que a opinião publica aponta d'antemão para o cargo mais alto, e de maior importancia.

Eleger o chefe de um partido é facil quando a morte do anterior esse partido está de tal fórma unido, e de tal fórma disciplinado, que a voz de qualquer dos seus homens importantes é a voz de todos os correligionarios, que a ouvem ainda como um ecco sahido do coração inerte do vulto que os dominava a todos.

Mas quando a morte do chefe d'um partido coincide com as circunstancias que se davam entre os regeneradores a morte do snr. Fontes, a substituição torna-se devereas difficilissima, e esta difficuldade não nos parece até hoje em via de resolução e muito menos resolvida.

Parece-nos que a regeneração tem reconhecido por varias

vezes a inadiavel necessidade de escolher d'entre a sua gente um homem, em volta do qual se aggrupem todos os que tem talento e boa vontade para militar nas fileiras do seu partido, e seguir pela estrada dos seus principios.

Todos conhecem que em these um chefe deve succeder-se immediatamente a outro chefe; que qualquer periodo intermedio é nocivo, e sendo relativamente longo pôde causar a morte d'um partido, por mais auspiciosas que sejam as suas condições de vitalidade politica.

Por mais d'uma vez a regeneração tem chamado a *capitula* os seus homens d'auctoridade, e estas reuniões tem com corteza como causa a consciencia do mau resultado que o partido tem colhido da sua situação acephala.

Mas quando se trata de cortar d'um golpe o nó da difficuldade, ninguem se sente com forças para empunhar a espada com que se deve ferir primeiramente a si mesmo, ninguem quer servir de base á estatua d'aquelle que julga igual a si.

Subordinando a resolução

de negocio tão momentoso a ideias de vaidade uns, outros á consciencia dos proprios merecimentos, a que não querem abdicar, essas reuniões desfazem-se, acabando sempre por este ou aquelle expediente, que não tem vantagens reaes porque não influe de modo efficaç na direcção do partido.

E assim o partido regenerador vae arrastando uma vida anormal, que a não ter prompto remedio, e um remedio energico, talvez lhe traga como consequencia a sua total ruina pela divisão em pequenos grupos, para que tem mostrado sempre uma tendencia pronunciada.

Temos o maior prazer em que os factos nos venham demonstrar o mais breve possivel que laboramos em erro, ou que os nossos recios são infundados, mas a esta conclusão nos leva a demora que tem havido na eleição do chefe do partido regenerador.

Reccamos tanto a morte d'este partido, quanto é grande a satisfação que sentimos ao ver unidas e bem disciplinadas as fileiras d'aquelle sob cujas bandeiras militamos, e a cuja di-

## FOLHETIM

### A AGONIA DA SEMILLANTE

Foi ha dois ou tres annos.

Em um navio de fiscalisação aduaneira, percorria eu o mar da Sardenha, com mais sete companheiros. Viagem rude para um novico: em todo o mez de Março, não tinhamos logrado um dia bom. O vento de leste enfurecia-se, e o mar não serenava. Uma noite, em que fugiamos diante da tempestade, o nosso navio refugiou-se na entrada do estreito de Bonifacio, em meio de um grupo de ilhotas. O aspecto d'ellas nada tinha de attraente: rochas escavadas, cobertas de aves, algumas moitas de losna e lentisqueira, e, á quem e além, na vasa, pedaços de madeira em decomposição; mas realmente aquelles rochedos sinistros valiam muito mais, para passar a noite, do que o abrigo d'uma velha embarcação, meio coberta, em que o lado entrava como em sua casa, e não nos desconsolamos.

Dopois de desembarcados, e enquanto os marinheiros accendiam o lume para fazer as caldeiradas, chamou-me o patrão

e indicando-me um pequeno muro de branca alvenaria quasi envolto pela neblina ao cabo da ilha, perguntou-me:

— Quer vir ao cemiterio?

— Um cemiterio, patrão Lionetti? Então, aonde estamos nós?

— Nas ilhas Lavezzi. E' alli que estão sepultados os seiscentos homens da fragata *Semillante*, junto ao local onde ella se perdeu, haverá dez annos... Pobre gente! Poucas visitas recebe e é justo que a visitemos já que estamos aqui.

— Da melhor vontade, patrão.

Como era triste o cemiterio da *Semillante*, com seu pequeno muro, a sua porta de ferro enferrujada, difficil de abrir, a sua capella silenciosa, e algumas centenas de cruces negras, quasi escondidas pela herva!... Nem uma corça de perpetuas, nem uma recordação, nada... Ah! como devem ter frio no seu tumulo os pobres mortos abandonados!

Ajoelhamos por alguns momentos. O patrão resava em voz alta; bandos de grandes aves marinhas vojavam por sobre as nossas cabeças, e cavavam os seus gritos estridulos ás lamentações do mar.

Finda a oração, regressamos tristemente para o outro lado da ilha onde a embarcação estava ancorada. Durante a nos-

sa ausencia, os marinheiros tinham aproveitado o tempo.

Achamos uma grande fogueira, ao abrigo de um rochedo, e sobre ella a marmita fumegante. Sentaram-se todos á roda, com os pés voltados para o lume, e immediatamente cada um de nós tinha sobre os joelhos a sua escudela de barro vermelho.

A refeição foi silenciosa: estavam molhados, tinhamos fome, e além d'isso a visinhança do cemiterio... Entretanto, logo que se esvasearam as escudelas, accenderam-se os cachimbos e conversou-se. Como era natural, fallava-se da *Semillante*.

— Mas a final como foi isso? — perguntei eu ao patrão, que, com a cabeça apoiada nas mãos, fitava os olhos na fogueira, com ar pensativo.

— Como isso foi, — respondeu o bom Lionetti, com um profundo suspiro, — como isso foi, ninguem no mundo o poderia dizer. O que nós sabemos é que a *Semillante*, carregada de tropas para a Crimea, tinha na vespera sahido de Toulon com mau tempo. Durante a noite, pior: vento, chuva, ondas enormes como ainda se não tinham visto... De manhã, o vento abrandou um pouco, mas o mar estava

medonho e além d'isso com um nevoeiro de mil demonios, que não deixava ver um pharol a quatro passos... Aquelles nevoeiros, meu caro, já se sabe o que elles são... O que eu sei é que a *Semillante* tinha perdido o leme pela manhã; a não haver avaria, de certo o capitão não teria vindo despedaçar-se aqui. Era um velho lobo do mar, que nós todos conheciamos, tinha commandado na Corsega durante tres annos, e conhecia a costa tão bem como eu que não conheço outra coisa.

— E a que horas se julga que se perdeu a *Semillante*?

— Devia ser ao meio dia; sim, ao meio dia... Mas a verdade é que, com a escuridão do mar, aquelle meio dia era bem uma noite negra como as guelas de um lobo... Um marinheiro alfandegario da costa contou-me que n'esse dia, pelas onze horas e meia, tendo sahido da sua guarita, para fechar os postigos, uma rajada de vento lhe levára o barrete, correndo elle proprio o perigo de ser arrastado pela vaga e desatou a correr atraz do barrete.

Como sabem, a gente aduaneira não é rica e um barrete não é barato. N'esse momento, o nosso homem erguendo a cabeça avistou perto d'elle, entre

o nevoeiro, um grande navio, que singrava em arvore secca, fugindo das ilhas Lavezzi.

O navio ta tão depressa, tão depressa, que o guarda mal teve tempo de o ver. E' provavel que fosse a *Semillante*, porque, meia hora depois, o pastor das ilhas ouviu n'aquelles rochedos... A proposito: alli está o pastor de que fallo.

Quem pôde contar tudo é elle... Bons dias, Palombo... Vem aquecer-te aqui, não tenhas medo.

Um homem encapuzado, que eu já tinha avistado girando em volta da nossa improvisada lareira, e que eu suppunha ser algum dos tripulantes, porque não sabia que houvesse pastor na ilha, aproximou-se timidamente de nós.

Era um velho leproso, quasi idiota, soffrendo não sei que doença escorbútica, que lhe engrossára disformemente os labios repellentes á vista.

Com difficuldade explicou qual o assumpto, de que estavam fallando. Então, despregando com os dedos os beiços doentes, o velho contou que effectivamente, n'esse fatal dia, ouvira um ruido medonho n'aquellas penedias.

Como a ilha estava toda coberta de agua, não podera elle sair, e só no dia seguinte é

recção se deve o bem-estar excepcional em que nos encontramos hoje.

A causa da escolha do chefe do partido regenerador, nas actuaes circumstancias em que vive a nossa politica, talvez se possa considerar uma questao d'interesse nacional, como a perda do snr. Fontes, principalmente como politico, foi por toda a imprensa chorada como uma calamidade para o paiz.

E a imprensa tinha razao. Só depois da morte d'aquelle estadista se conheceu bem o que elle era para o seu partido, e por conseguinte para o paiz, que precisa necessariamente de partidos bem organizados, que respeitem as instituicoes vigentes, *rebus sic stantibus*, embora entre elles haja divergencia nos meios d'alcançar o seu formoso desideratum, que deve ser sempre e por tudo o bem da patria que se propoem servir.

No meio porém d'esta grande catastrophe de que ainda não está refeita a regeneração, só vemos um meio de sair-se d'ella triumphantemente.

O partido regenerador precisa d'um chefe? Não trate de eleger aquelle para quem se incline o maior numero; mas procure pelos meios mais suavisos de deseleger todos os outros que a si mesmos se querem impôr para a eleição. Se antes de proceder á escolha, por assim dizer official, não tralar d'isto em particular, o resultado ha de ser sempre expediente, e ficará tudo como d'antes.

Não eleja pois um chefe; desejeja todos os outros.

que, ao abrir a sua porta, viu a praia cheia de destroços e de cadaveres, que o mar alli deixára. Antonio correu para a sua barca, e foi a Bonifacio chamar gente.

Cançado com o que nos contou, o pastor sentou-se, e o patrão tomou a palavra:

— E' verdade, meus senhores; foi este pobre velho quem foi dar-nos a noticia. Estava quasi louco de terror; e desde então, ficou sempre mal da cabeça. O caso não era para menos... Imaginem seiscentos cadaveres amontoados na areia, de mistura com pedaços de madeira e fragmentos de velas... Pobre *Semillante*! O mar tinha-a despedaçado e reduzido a tantos bocados, que o pastor Palombo não achou senão com que fazer uma sebe em volta da sua choupana... Quanto aos homens, quasi todos desfigurados, mutilados horrivelmente, mettia dô vèl-os agarrados uns aos outros...

Encontramos o capitão de grande uniforme, o capellão de estola ao hombro; a um canto, entre dois penedos, um pequeno grumete, com os olhos abertos; parecia vivo; mas não! nem um só tinha de escapar!

O patrão interrompeu-se: — Cuidado, Nardi, não se apague o lume.

## PEROLAS E DIAMANTES

### AMOR DA RAINHA

(DE CAMPOAMOR)

A rainha que morria  
Por D. Philippe, o formoso,  
Ao vêr no tumulto o esposo  
— «Morro com elle!» — dizia.

Querendo exhumar-o um dia  
Uns ossos achou; então  
Comprimindo o coração  
— «Não devo morrer!» — dizia.

Chorava sempre e gemia,  
Os olhos postos no leito  
Onde morrêra. E dizia:  
Sepultaram-m o no peito!...

GASPAR DA SILVA.

## LOCUÇÕES POPULARES

### Fazer pé de alferes

— Quem o não terá feito?... Velhos rabugentos, que olhaes desconfiados para esses jovens, que de mil attentões vos cercam não pelos *vossos bellos olhos*, mas pelos *olhos bellos* da filha, neta, ou sobrinha, vós tambem já *fizestes o vosso pé de alferes*.

O estudante, o doutor, o funcionario publico, o commerciante, o homem do mar, o tenente, o capitão, o major, todos, ainda os da mais elevada patente, todos *teem feito e fazem o seu pé de alferes*. Ninguem escapa ao doce tributo, que gostosamente pagamos sem nos irritarmos com os exactores.

Parece escusado definir, depois d'estes preliminares, o que seja *fazer pé de alferes*: mas como a clareza não prejudica, diga-se de uma vez por todas que esta locução vale o mesmo que requestar uma dama, fazer-lhe a corte, namorar, como a interpreta — *O Grande Dictionario Universal da Lingua Portuguesa*.

Empunhemos agora o alvião archeologico, e destrincemos a origem de tão singular ditado.

Nardi atirou para o brazido dous ou tres pedaços de madeira alcatroada, que atearam o fogo, e Lionetti proseguiu:

— Mas veja agora o que ha de mais triste n'essa historia... Tres semanas antes do sinistro, uma pequena corveta, que ia para a Crimea como a *Semillante*, tinha naufragado da mesma fórma, quasi no mesmo sitio; mas d'essa vez, felizmente, fomos prevenidos a tempo e pudemos salvar a tripulação e vinte soldados que iam a bordo... Escaparam de boa! dirão vocês. Conduzimos-os para o Bonifacio, e tivemos-os dois dias com-nosco, *á maritima*. Depois de bem enxutos e escorreitos, boa noite! boa viagem! voltaram para Toulon, onde, pouco depois, os embarcaram de novo para a Crimea... Sabem em que navio? Na *Semillante*... Encontramos-os todos vinte estendidos entre os mortos, n'este mesmo logar em que estamos... Eu proprio levantei um gentil cabo, de bellos bigodes, um janota de Paris, que eu tinha recolhido em casa, em que nos fez rir sempre com suas historias... Parece que ao vèl-o, o coração me estalou... Ai, Santa Mãre!

Em seguida, o bravo Lionetti, profundamente commovido, sacudiu a cinza do seu cachimbo,

Vá de historia. Havia em um batalhão certo alferes, secretario, rapaz estimavel, bemquisto de todos os camaradas, e sempre procurado para companheiro em qualquer diversão. Não havia folgado, em que não fosse figura obrigada o alferes Eunapio, jovial, divertido, em uma palavra, a alma do batalhão.

Tinha o commandante, veterano experimentado nas lides de Mavorte e de Cupido, uma filha (*cherchez la femme*), linda como os amores e por quem de amores morria o alferes Eunapio. Parodiando ao épico portugez, poder-se-hia dizer:

O velho pae sisudo, que respeita  
O murmurar da tropa, bem sabia  
Que o alferes casar-se pretendia.

e por lhe parecer bom o partido, fazia vista grossa, tratando com toda a amabilidade o rapaz.

A excellentissima esposa tambem não reprovava: mas, desconfiada dos moços, dizia algumas vezes ao marido:

— Não parece ser mau rapaz: verdade é que não tem fortuna, mas a minha questao não é de dinheiro, é de amizade. Olha, lembras-te quando nas vespersas do nosso casamento, n'aquella noite de S. João, eu te botei aquelle verso:

Amar e saber amar  
São dous pontos delicados:  
Os que amam são sem conta:  
Os que sabem são contados?

— Ora se me lembro! eu até respondi logo por causa dos teus ciumes:

Duas cousas ha no mundo,  
Que meu coração não quer:  
E' piolho de galinha,  
E ciume de mulher.

N'este momento foi o apreciado colloquio conjugal, doce rememoração de passadas eras, interrompido pela macia voz do alferes, pronunciando a costumada formula:

— Dá licença, commandante? Já de algum tempo notavam os camaradas que aquella alegria, aquelle bom humor e jovialidade do alferes Eunapio ia decrescendo de dia para dia.

estirou-se sobre o seu capote e deu-nos as boas noites. Os marinheiros conversaram ainda, por algum tempo, a meia voz... Depois, apagamam-se os cachimbos, uns após outros... Não se conversou mais... O velho pastor afastou-se, e eu fiquei-me sósinho a scismar, em meio da tripulação adormecida.

Sob a impressão ainda da lugubre narração que eu tinha ouvido, procurei reconstruir no pensamento o pobre navio morto, e a agonia de que só foram testemunhas as aves do mar. Alguns episodios, que me haviam impressionado especialmente, o capitão, de grande uniforme, a estola do capellão, os vinte soldados do transporte, deixavam-me adivinhar as peripecias do drama... Parecia vêr a fragata sahir de Toulon, de noite. Sae do porto. O mar está agitado: o vento furioso; mas o capitão é marinheiro antigo, e a bordo ninguem tem susto.

De manhã, forma-se nevoeiro. A inquietação apparece. Toda a tripulação está em cima. O capitão não deixa o tombadilho. Na entre-ponte onde os soldados se apinham, é tudo escuro; a atmospheria está quente. Alguns estão doentes e deitados sobre os seus sacos. O navio joga horrivelmente, de

Raras eram as vezes, em que tomava parte nos recreativos passatempos, a que out'ora não falhava.

— O nosso alferes está de todo mudado, disse uma vez um dos camaradas aos outros.

— E' verdade, acudiram quasi todos a um tempo. — E não sabem pelo que? perguntou um cadete, que era um azougue.

— Pelo que então? — Está de namoro; e com o pé de alferes não sahe da casa do commandante.

— Ah! é isso mesmo, concordaram os outros: com o pé de alferes leva papeis, e mais papeis: mas o fim é outro.

— Como é sagaz o tal menino com o pé de alferes e secretario, tem sempre motivo de fallar com o commandante, e de uma cajadada mata dous coelhos; mostra-se interessado pelo serviço, e tem a dita de vêr amiudadas vezes a dama dos seus pensamentos!

D'ahi em diante, quando o official apparecia, cahiam-lhe todos á perna, dizendo cada um por sua vez:

— Então você com pé de alferes não sae da casa do commandante! Ah! finorio!

— Não ha nada como ser alferes! Com o pé de alferes alcança-se muita coisa boa.

E tal foi a origem da locução, que dou como provavel, salvo o juizo dos doutos.

DR. CASTRO LOPES.

## COMMUNICADO

Montalegre, 16 de Abril

(Conclusão)

E' preciso convencermos de que, quando se traz á imprensa uma questao d'estas é porque fortes razões militam em favor de quem sae a publico e porque o individuo, cuja apreciação se faz, tem uma chronica mais ou menos escandalosa, azada a commentarios feios. E' o que se dá no caso presente.

Façamos agora um bocado d'istoria. O orgulho do snr.

popa á prôa; é impossivel estar de pé. Grupos de soldados agarram-se aos bancos. E' preciso gritar para se poder ouvir. Alguns ha, que começam a receiar... Reparar! Os naufragios são frequentes n'este ponto; a tripulação sabe isso, e o que elle conta não é animador. O cabo, um parisiense que brinca com tudo, vae gracejando: — Um naufragio! que bella coisa, um naufragio! Apanha-se um banho frio, e depois levam-nos para Bonifacio, e vamos comer galinha em casa de Lionetti.

E alguns riam.

De repente, um estalido... Que foi? que aconteceu? — Partiu-se o leme, — grita um marinheiro, que atravessa a entre-ponte, encharcado e a correr.

— Boa viagem! — grita o endiabrado cabo, mas, d'esta vez, não fez rir ninguem.

Grande tumulto. Nevoeiro cerrado. Os tripulantes vão e veem, ás apalpadelas... Não ha leme; é impossivel a manobra... A *Semillante*, desnor-teada, vae á mercê do vento... E' n'essa occasião que o guarda aduaneiro a vê passar; são onze horas e meia. Adiante da fragata parece ouvirem-se tiros de peça... Os cachopos! Os cachopos! Acabou tudo, já não ha esperanza, o navio vae con-

Arcipreste manifestou-se apenas foi investido do cargo que tão *brilantemente* exerce; julgou-se logo um Quichote mirrado, estabeleceu a sua *camara ecclesiastica* (phrase sua) em Boticas, mobilou-a com seus gardingos, loquases como uns Sanchos e é no meio d'esta camarilha, periodicamente reunida aos dias de feira, que alguns padres teem de satisfazer certas formalidades que eu não entendo e de que elles pouco gostam, pelo principal motivo de serem julgados por individuos que, assim como o snr. Arcipreste, de nada mais percebem que de troca e venda de animaes, a que chamam im-mundos. E, para nada faltar, n'esse areopago improvisado fallase tambem com muita *ternura* na amada Dulcinea — a igreja de S. Vicente; mas, fatalidade da sorte!

Coitado! Para a conseguir, já fez uma concordata com o snr. administrador do concelho, mas felizmente essa concordata caducou.

Tantos desgostos!...

Mais e melhor: diga-me, snr. Arcipreste, como justifica o seu proceder transferindo o snr. encommendado de Sezelhe (conhecido pelo nome de *padre-mestre-eschola*) para Outeiro? Alguem diz que isto não passou d'uma manobra de exploração; eu não quero suppor mal, mas lembrando-me que pouco depois o dito encommendado foi de novo transferido para Sezelhe pelo snr. Arcipreste, e sabedor de qual é o seu *fraco*, sempre me inclino a crêr que ha segredo!

O caso é que, muitas vezes, os do Outeiro ficaram sem missa e alguns morreram sem Sacramentos, e o snr. Arcipreste, macio como um velludo, calouse, tranzigiu e cedeu fechando os olhos, comquanto o povo de Outeiro clamasse em motim e se levantasse muitas vezes anarchicamente.

Emfim, coisas d'este mundo!

tra a costa... O capitão desce ao seu beliche; um momento depois retoma o seu logar no tombadilho, — de grande uniforme. Quiz vestir-se de gala para morrer.

Na entre-ponte do navio, os soldados, anciosos, olham uns para os outros, silenciosamente... Os doentes tentam levantar-se... O cabo já não ri... N'esse momento apparece o capellão, com a sua estola:

— De joelhos, meus filhos! Obedecem todos, e o capellão, em voz alta e solemne, reza o officio da agonia...

De subito, um choqe formidavel, um grito, um unico grito, um grito immenso, braços que se estendem, mãos que se agarram, olhos desvairados, onde a visao da morte passa como um relampago... Misericordia!

Foi assim que passei toda a noite, scismando no que succedera, dez annos antes, evocando a alma do pobre navio, cujos destroços me rodeavam... Ao longe, no estreito, rugia a tempestade; ia-se extinguindo a fogueira do acampamento, e a nossa barca baloiçava-se lá em baixo, ao fundo dos rochedos, e fazia ranger a amarra.

ALPHONSE DAUDET.

**Fontes Pereira de Mello**

E' do nosso collega *O Conimbricense* a carta que passamos a transcrever :

«Snr. Joaquim Martins de Carvalho. — Sendo v. um dos nossos jornalistas mais independentes e illustrados ha de ter notado, do mesmo modo que muitos meus camaradas, o extraordinario exaggero das manifestações de sentimento pela morte de Fontes Pereira de Mello, attingindo o superlativo da exaggeração o projecto de se erigir por meio de subscrição nacional uma estatua ao falecido estadista; quando não encontro em qualquer d'estas praças, d'onde se vê o Tejo, a estatua de nenhum dos notaveis descobridores do seculo XVI, nem d'outros homens illustres, aos que ainda não pagamos a nossa divida de publica gratidão.

Que fosse honrada a memoria de Fontes, como a d'um homem de bem, é justo e é louvavel, e todas as corporações a que pertenceu lhe prestaram esta homenagem com o concurso e applauso dos proprios adversarios politicos. Foi grande e foi merecido este tributo: ir além é de mais.

Seria talvez desculpavel que ao homem que bem serviu a patria, mas viveu ignorado, sofrendo as injustiças dos grandes ou a indiferença dos poderosos, se manifestasse gratidão superior ao merecimento, mas não está n'este caso o illustre finado, que logrou satisfazer em vida todos os desejos de ambição e de vaidade a que se pôde aspirar em Portugal: se bem serviu a patria, a patria não lhe ficou a dever nada.

Não assigno esta, que ahi deitei no correio, para não dar azo a ser mallevadamente apreciado o sentimento sincero d'um obscuro official do exercito, que não é jornalista nem politico.

Lisboa, 17-4-1887.»

**Abade de Cabanellas**

Foi provido na importante egreja de Cabanellas, d'este concelho, o snr. padre João Lourenço d'Araujo, actualmente parochi na freguezia d'Arcozello, no concelho de Barcellos.

Damos os parabens á freguezia de Cabanellas. Conhecemos o snr. padre Lourenço d'Araujo e sabemos o quanto elle é digno do despacho com que o governo o agraciou.

Natural do concelho de Viana do Castello, o novo parochi de Cabanellas foi alli sempre um valioso e forte auxiliar do partido progressista, sendo muito estimado por todos quantos o conheciam.

**Preço da carne**

A exc.<sup>ma</sup> camara, desejosa sempre em se tornar proveitosa aos interesses dos seus muni- cipales, conseguiu que todos os marchantes d'este concelho abatessem 20 rs. em cada kilo de carne.

**Nomeação**

Foi nomeado escrivão de direito para a comarca de Amares, o nosso prezado amigo o snr. Joaquim de Sousa e Sá, distincto cavalheiro d'aquella villa e irmão do nosso prezado e dedicado amigo o snr. Antonio de Sousa Junior, honrado e

digno escrivão n'aquella mesma comarca.

O snr. Sousa e Sá é um cavalheiro estimavel e distincto, altamente sympathico e justamente considerado n'aquella villa onde conta numerosos amigos. Por isso tal nomeação foi muito bem recebida em todo o concelho de Amares, como o foi tambem aqui, onde o nomeado conta grande numero d'amigos.

Enviamos-lhe sinceros e cor-deaes parabens.

**Noivado**

O snr. Francisco Osorio Machado, filho do digno escrivão de direito d'esta comarca o snr. Gregorio de Carvalho Osorio Machado, uniu-se pelos sagrados laços do matrimonio, no dia 28 do mez passado, com a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria Laura Telles de Menezes, filha do nosso amigo o snr. Gaspar Augusto Telles, tambem escrivão de direito n'esta mesma comarca.

A noiva é uma menina sympathica e adoravel e dotada da mais fina educação; o noivo, que possui igualmente tão apreciavel dote, é um moço de exemplar comportamento; e por isso não erraremos vaticinando aos dois um porvir cheio de venturas.

Enviamos-lhes, pois, os nossos sinceros parabens, bem como a suas respeitaveis familias, por tão auspicioso consorcio.

**A Estação**

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.<sup>o</sup> de 1 de Maio.

Summario: Chronica da moda.

Gravuras: Vestido com tunica e arregaços — Vestido com tunica de renda — Corpo de abas enfeitado com botões — Chale de malha — Costume com golla voltada, para menina — Costume com cabeção marujo para menina — Paletot-casaco para menina de 6 a 8 annos — Capa com romeira para menina — Formas para chapéos de verão — Chapeo redondo para menina — Fita da moda — Costume com tunica comprida — Vestido blusa para creança — Elegantes sombrinhas para verão — Paletot para meninas — Saias de fazenda, lisa e riscada — Costume com corpo jaqueta — Vestido com mantelete — Costume com tunica sobretudo — Paletots para meninos — Vestido com jaqueta ajustada — Costume com tunica curta — Costume com corpo blusa para menina — Capa com romeira para menina — Capota de renda — Peliz visita — Peliz com capuz — Casaco com capuz — Corpo de velludo com abas — Golla a chrochet para creança — Capotas — Costume com corpo jaqueta para menina — Vestido blusa para menina — Vestido com peitilho — Vestido guarnecido de fitas. Tapetes, cercaduras, almofadas, bordados, etc. etc.

Um figurino colorido representando: Vestido de baile de seda — Vestido de passeio — Chapeo de renda ornado de flores.

Supplemento: Moldes e moldes de bordados.

Assignatura, por anno 40000, 6 mezes 28100, numero avulso 200 rs.

Livraria Chardron — Lugan

& Genelioux, successores — Porto.

**O padre Rademaker**

Os que conheceram o celebre pregador padre Rademaker sabem que elle não primava em coisas de aceio. E', pois, exacta a photographia que de si proprio elle tirou á penna, e que vamos transcrever do album d'uma illustre dama que lhe pedira o retrato. O padre retrata-se assim:

Tenho uma cara de mono com dois oculos no nariz. No meu rosto de mulato cada venta é um chafariz.

Visto casaco sabento que quasi me chega aos pés, e umas calças remendadas que um reles mestre me fez.

Trago pitada nos dedos, na algibeira nem real, negra voltinha ao pescoço, restos de velho enxoval.

Quico russo na cabeça, bota róta em cada pé: e eis aqui para o seu album o meu retrato qual é.

Cumpro pois o prometido, mandando como devia, a derradeira edição da minha photographia.

**Um Prelado insultado**

Em Barcelona receberam-se cartas de Vich, relatando que os «integristas» d'aquella povoação insultaram horrivelmente o seu Prelado, faltando a todas as considerações devidas á sua gerarchia.

Na manhã d'um d'estes ultimos dias as portas do palacio appareceram todas sujas com as mais asquerosas immundicies. Em igual estado appareceram tambem as do seminario conciliar, as da casa d'um director d'um periodico catholico não politico e as de um dignissimo cathedratico geralmente respeitado.

A indignação contra estes attentados é muito grande e talvez haja a lastimar algum sério conflicto.

**Proverbios de Maio**

Na philosophia popular dos proverbios ha os seguintes preceitos praticos adequados ao mez corrente:

Abril aguas mil, e em Maio tres e quatro.

A ti chova todo o anno e a mim chova em Abril e Maio.

Uma agua de Maio e tres de Abril valem por mil.

Se não chover entre Maio e Abril, venderá el-rei o carro e o carril.

Se não chover entre Maio e Abril, dará el-rei o carro e o carril por uma fogaça e um fuzil e a filha a quem a pedir.

Fevereiro couveiro afaz a per- diz ao poleiro; Março, tres ou quatro; em Abril, cheio está o covil; em Maio... pio, pio, pelo matto. Chuvinha da Ascenção, das palhinhas dá pão.

Primeiro de Maio, corre o lobo e o veados.

O rocim em Maio torna-se cavallo.

Quanto Maio acha azado, tudo deixa espigado.

Maio couveiro não é vinhateiro. Maio hortelão, muita parra e pouco pão.

Quem em Maio não merenda, aos finados se encommenda.

Em Maio, a quem não tem basta-lhe o saio.

Touro, gallo e barbo, todos teem sezão em Maio.

Quem quizer mal á sua vizinha, dê-lhe em Maio uma sardinha.

A quem em Maio come sardinha, em Agosto lhe fica a espinha.

Peixe em Maio, a quem t'o pedir da-lho.

Maio come o trigo, em Agosto bebe o vinho.

Maio pardo faz o pão grado.

Maio pardo, Junho claro.

**DISSERT**

O capitão d'um grande navio diz ao piloto hespanhol que tomou para entrar a barra:

— Tenha todo o cuidado!

— Oh! comigo não ha perigo!

— E' que aqui ha muitos rochedos; conhece-os bem?

— Se os conheço, os rochedos! um velho piloto como eu!

No mesmo instante ouve-se um choque horroroso; o navio acabava de bater na rocha.

O piloto, sem perder a linha:

— É a prova é que ahi está um!

Dous amigos conversam:

— Imagina, meu caro, que minha mulher emprega um pó de arroz que parece assucarado...

Quando a beijo é como se comesse assucar.

— E' verdade!... Eu tambem dei por isso!

— Como?...

Calino fez uma viagem a uma grande cidade para visitar os seus parentes.

No dia da chegada manifestou logo desejo de sahir só, para vêr os edificios, etc.

— Mas olha que podes perder-te por essas ruas, disseram-lhe.

— Qual! não ha perigo, responde elle. Eu sou um grande orientalista!...

Diziam a certa condessa, joven e formosa, recém-divorciada:

— Deve odiar o conde, não?

— Eu? pelo contrario, devolve o ter conhecido o prazer da separação.

Erudicção.

— Quem é o auctor do *Dom Quixote*?

E' o fidalgo de La Mancha!

**ANNUNCIOS**

**Comarca de Villa Verde**

**ARREMATACÃO**

Pejo juizo de direito d'esta comarca e repartição de fazenda, no dia 15 do Maio proximo, ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial, se tem de proceder á arrematação dos bens penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra José Domingues, casado, do lugar de Reiriz, freguezia de Novegilde, d'esta comarca, para pagamento da quantia de 28153 réis de contribuição predial do anno de 1885, além dos juros da mora, sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

Uma leira de terra lavradia e vidonho chamada da Torren-

te, sita no lugar de Reiriz, freguezia de Novegilde.

Uma leira de terra, lavradia e vidonho chamada do Ribeiro, sita na freguezia do Doçãos.

Pelo presente são citados todos os credores incertos e residentes fóra da comarca, para assistirem aos termos da execução, querendo, sob pena de revelia.

Villa Verde, 23 de Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Magalhães.

(63 a)

O escrivão de fazenda, João Augusto de Seixas.

**Comarca de Villa Verde**

**EDITOS DE 30 DIAS**

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Machado, correm editos de 30 dias citando todos os credores incertos, herdeiros e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, que se julguem com direito ao espolio do finado Manoel de Brito, casado, morador que foi na freguezia de Santa Marinha d'Oleiros, para os fins ordenados nos §§ 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> do art.<sup>o</sup> 696 do Cod. do Proc. Cv.

Villa Verde, 25 de Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Magalhães.

O escrivão, Gregorio de Carvalho Osorio Machado. (64 a)

**FLOR DE MYOSÓTES**

ROMANCE ORIGINAL

FOR

ALBERTO PIMENTEL

A' venda brevemente.

**REGULAMENTO**

PARA A

LIQUIDAÇÃO E COBRANÇA

DA

**CONTRIBUIÇÃO DE REGISTO**

Approvedo por decreto de 31 de Março de 1887

(Com os modelos respectivos)

Preço 80 rs.—Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

À livraria = Cruz Coutinho = Rua dos Caldeiros, 18 e 20 — PORTO.

**BREVE ESTUDO**

SUBRE

**A ILHA DE MOÇAMBIQUE**

Acompnhado d'um pequeno vocabulario portuguez-macia

FOR

AYRES DE CARVALHO SOVERAL

Preço 100 rs. — A' venda na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, Lugan & Genelioux, successores — Porto.

Braga: — IMPRENSA CATHOLICA, Campo dos Remedios, 4-C.

Privilegio exclusivo por 43 annos

## ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approved pela Escola Medico-cirurgica do Porto

Este excellente medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.<sup>mos</sup> medicos com bom resultado contra as molestias da pelle, como: herpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, escrophulas, syphilis em todos os graus o mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphaos.

Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS.

(55 a)

## A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos Interessantes romances: A MULHER FATAL, DRAMAS MODERNOS e outros

1.<sup>a</sup> parte, TREVAS; 2.<sup>a</sup> parte, LUZ; 3.<sup>a</sup> parte, ANJO DA REDEMPÇÃO

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes, versão de Julio de Magalhães, 10 réis cada folha, gravura ou chromo 50 réis por semana, dois brindes a cada assignante.

A' sorte pela loteria — 100\$000 em 3 premios para o que receberão os snrs. assignantes em tempo opportuno uma caudela com 5 numeros.

No fim da obra — um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belém & C.<sup>a</sup>, rua da Cruz do Pau, 26. 1.<sup>o</sup> — Lisboa.

## BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 — Porto

## A FELICIDADE

POR

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que póde sem receio entrar no santuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias:

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principais terras do reino, onde ainda os não tenha; garantido aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA, editora, 211, rua do Almada, 217 — Porto.

BIBLIOTHECA DE PROPAGANDA RELIGIOSA  
(OPUSCULO QUARTO)

## OS PROBLEMAS

DO

## SEculo XIX

Conferencias do Cardeal Alimonda pregadas na igreja metropolitana de Genova.

Editor — J. O. P. da Cruz

Preço 100 rs. — A' venda na rua das Flores n.º 191, e na rua do Monsinho da Silveira n.º 264 — Porto.

## A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando anualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, deornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambrasia ou filé, renda irlandeza, bordado em filé, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, penaa, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos os aspectos da moda, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, mastiz, soutache, etc. Cumpre notar-as que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de

ERNESTO CHARDRON — Porto.  
Principia no dia 1.<sup>o</sup> de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:  
Um anno ..... 4\$000  
Sexta mezes ..... 2\$100  
Numero avulso ..... 200

## LIVRO SACRO

OU

## CURSO DE DOCTRINA CRISTÁ

PARA USO DAS ESCOLAS PRIMARIAS

Coordenado conforme o novo programma do governo para o exame d'instrucção primaria e elemental e d'admissão aos lycées nacionaes, e para os meninos se habilitarem sem difficuldade a receber a sagrada communhão, etc., com permissão e approvação do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal, Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto.

POR

FRANCISCO D'ASSIS PINHEIRO

Director e proprietario do Collegio de S. Francisco, no Porto, e socio da Sociedade de Geographia Commercial, da mesma cidade.

2.<sup>a</sup> edição

A' venda na livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeiros n.º 18 a 20 — PORTO.

## A ESTRELLA DE NAZARETH

LENDAS E TRADIÇÕES DA TERRA SANTA SOBRE A SANTISSIMA VIRGEM

POR D. LUIZ GARCIA LUNA

TRADUÇÃO DE

A. MOREIRA BELLO

COM APPROVAÇÃO DO EM.<sup>mo</sup> SNR. CARDEAL BISPO DO PORTO

5 VOLUMES 2\$500 rs. — Está concluida esta interessantissima obra prima de litteratura christã, o melhor romance n'este genero até hoje publicado, com um bellissimo enredo e magnificas gravuras de pagina, constituindo assim uma verdadeira joia litteraria e historica.

Vende-se em todas as livrarias do reino e na Bibliotheca Malheiro, de Manoel Malheiro, editor, a quem deverão ser feitas as requisições, acompanhadas da respectiva importancia, para a rua da Picaria n.º 85 a 87 — Porto.

Não será satisfeita requisição alguma que não seja acompanhada da respectiva importancia.

Vende-se igualmente em Braga no estabelecimento de sola dos snrs. paria, Ferreira & C.<sup>a</sup>, Largo de S. Francisco n.º 9.

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES

EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

## IMPRENSA CATHOLICA

CAMPO DOS REMEDIOS N.º 4-C

BRAGA

Acha-se estabelecida esta typographia com o fim principal de facilitar a propagação de obras catholicas populares, quer originas de escriptores portuguezes, quer traduzidas de outras linguas.

Além d'isto offerece-se ao publico com os preços mais convidativos para a impressão de todo e qualquer trabalho typographico, desde o bilhete de visita, facturas, etc., até aos trabalhos mais importantes, em que garante toda a utilidade e promptidão.

Os snrs. editores e auctores de qualquer localidade que confiarem a esta typographia as suas obras poderão dispensar-se, querendo, do trabalho de revisão, visto haver no estabelecimento um revisor privativo, e da maior competencia.

Qualquer requisição póde ser dirigida ao director da — IMPRENSA CATHOLICA, Campo dos Remedios n.º 4-C — BRAGA.

## AS OBRAS DE SANTA THEREZA DE JESUS

TRADUÇÃO PORTUGUEZA

FEITA SOBRE A GRANDE EDIÇÃO DOS ORIGINAES PHOTOGRAPHADOS, E DEIXANDO VÉR O ESTYLO E AS PROPRIAS EXPRESSÕES DA GRANDE ESCRITORA.

Vae publicar-se o 2.<sup>o</sup> volume.

Está á venda o 1.<sup>o</sup> vol. — CAMINHO DA PERFEIÇÃO — com o retrato de Santa Thereza, um formoso volume, nitidamente impresso — 500 réis.

Em Lisboa: Lavado, rua Augusta, 91; Pacheco, C. do Carmo, 6, 1.<sup>o</sup>

Deposito: Escriptorio da lithographia Castro, roadso DouRADORES, 10, onde se faz abatimento para livreiros, casas religiosas e de educação.

Em Braga: Vende-se na portaria do convento das Therezinhas.

Em Guimarães: R. de S. Damaso, Teixeira de Freitas.